

## DIFERENÇAS DE GÊNERO – QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS TEMÁTICAS QUE ABORDAM ESSAS DESIGUALDADES?

Autora: Daiane de Macedo Costa Conti

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ [daianecosta89@yahoo.com.br](mailto:daianecosta89@yahoo.com.br)

Co-autora: Adriane Matos de Araújo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ [adrianematosaraujo@gmail.com](mailto:adrianematosaraujo@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo é parte dos resultados de uma pesquisa bibliográfica de mestrado onde foram analisados 50 textos selecionados de uma amostra de 1000 textos. Esse material é oriundo da biblioteca internacional da Universidade de Sydney. Esses textos versavam sobre as temáticas gênero e educação. Esse banco de dados era composto por artigos, dissertações, teses oriundas dos mais diversos países, porém eram todos escritos em inglês. Optou-se por analisá-los para observar as contribuições que autores internacionais poderiam trazer para as temáticas e também porque o grupo de pesquisa que a autora deste texto pertencia já havia analisado o material nacional que abordava a temática. A metodologia escolhida para a realização dessa pesquisa foi a do tipo estado da arte, onde através da elaboração de mapas conceituais e análises indutivas foi possível estabelecer a relação entre essas duas temáticas. Os resultados deste artigo mostram que a maior parte desses textos busca analisar o gênero dentro de uma perspectiva biológica, binária, onde o gênero é determinado pelas características físicas, corpóreas do indivíduo. Ao adotarem essa concepção as pesquisas de gênero tendem a trabalhar a questão evidenciando as diferenças existentes entre homens e mulheres. Dentro desse contexto surgem categorias comuns a essas pesquisas que mostram como a mulher está em defasagem em relação ao homem, no que diz respeito a formação e conseqüentemente ao posicionamento ao mercado de trabalho. Essas diferenças são mantidas devido aos valores enraizados de uma sociedade patriarcal. Por fim, esse estudo mostra que essa tendência dos estudos de gênero de analisar a questão apenas pela perspectiva biológica foi uma forma que os autores encontraram para mostrar os problemas e buscar alternativas para as desigualdades. Porém esse texto deixa claro a necessidade de se investir em pesquisas que tratem a temática gênero em diferentes contextos sociais. Além disso, afirma a primordialidade de incentivo à formação de mulheres para que elas estejam a frente de pesquisas e debates e assim se amplie as discussões e em conjunto possam buscar meios de reduzir as diferenças existentes.

Palavras-chave: gênero, educação, desigualdades.

### INTRODUÇÃO

A questão de gênero vem sendo discutida no Brasil desde o início dos anos 60/70 com a movimentação e luta do movimento feminista em busca dos seus direitos e redução das desigualdades. As diferenças existentes entre homens e mulheres são marcadas pelas fortes raízes patriarcais presente na cultura brasileira. Essas raízes interferem tanto na forma de pensar, quanto na maneira de debater a temática de gênero. Dessa forma, entende-se que a análise das produções e discussão sobre o assunto torna-se necessária para tornar possível o

rompimento dessa cultura patriarcal.

Este artigo teve como objetivo, a partir das análises das produções acadêmicas, observar que categorias são recorrentes nas produções acadêmicas de gênero, demonstrar porque elas aparecem nos textos e quais as consequências dessa regularidade na discussão de gênero e educação.

Essas categorias surgiram de uma densa análise bibliográfica do material disposto sobre a temática. A metodologia para esse estudo é a que comumente é utilizada para esses tipos de trabalho, o Estado da Arte ou Estado do conhecimento. Nesse tipo de metodologia a partir de um acervo bibliográfico são selecionados aqueles textos que comporão o material de análise e a partir deles são feitas as análises. Para essa pesquisa foram utilizados mapas conceituais como instrumento dessa análise.

A partir dessa análise observou-se que os textos tiveram uma tendência por analisar o gênero apenas pelo viés biológico, que existem diferenças na formação das mulheres e dos homens. Essa diferença na formação interfere tanto que elas estejam a frente de debates e pesquisas sobre a temática, quanto na sua inserção no mercado de trabalho.

## METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada para essa investigação foi a Estado da Arte ou Estado do Conhecimento (ROMANOWSKI; ENS, 2006; FERREIRA, 2002; MESSINA, 1998). Essa metodologia atende as pesquisas de caráter bibliográfico que tem como objetivo investigar um tema, um assunto específico utilizando como material as produções acadêmicas.

Os passos desse tipo de metodologia segundo Romanowski (2002) consistem em definir os descritores para a busca das produções, encontrar o material buscando os bancos de dados, definir os critérios para a seleção do material que será realmente utilizado, ler o material mapeando e levantando os temas relevantes para a proposta da pesquisa e por fim analisar e elaborar as conclusões. (ROMANOWSKI, 2002, p. 15-16).

O material utilizado nessa pesquisa foi um conjunto de 50 textos escolhidos dentro de um banco de dados de 1000 textos. Esse material faz parte da biblioteca virtual da Universidade de Sydney e todos os textos trabalhados eram em inglês. Para chegar a esse número de textos foram selecionadas todas as produções que continham palavras relacionadas a gênero (gender) e educação (education), por exemplo, sala de aula (classroom), professor (teacher), mulher (woman), masculinidade (masculinity), etc.

Em seguida os textos foram analisados com um modelo de mapa conceitual que é uma forma de estudo criada nos 70 por Joseph Novak onde se cria um

esquema, uma estrutura lógica com os conceitos, ideias e tudo aquilo que o pesquisador deseja investigar. Esse mapa conceitual foi feito em forma de tabela onde tinha a referência, um pequeno resumo do texto, a metodologia utilizada pelo autor ou autores, o referencial teórico, o conceito de gênero abordado nos textos e as relações de gênero.

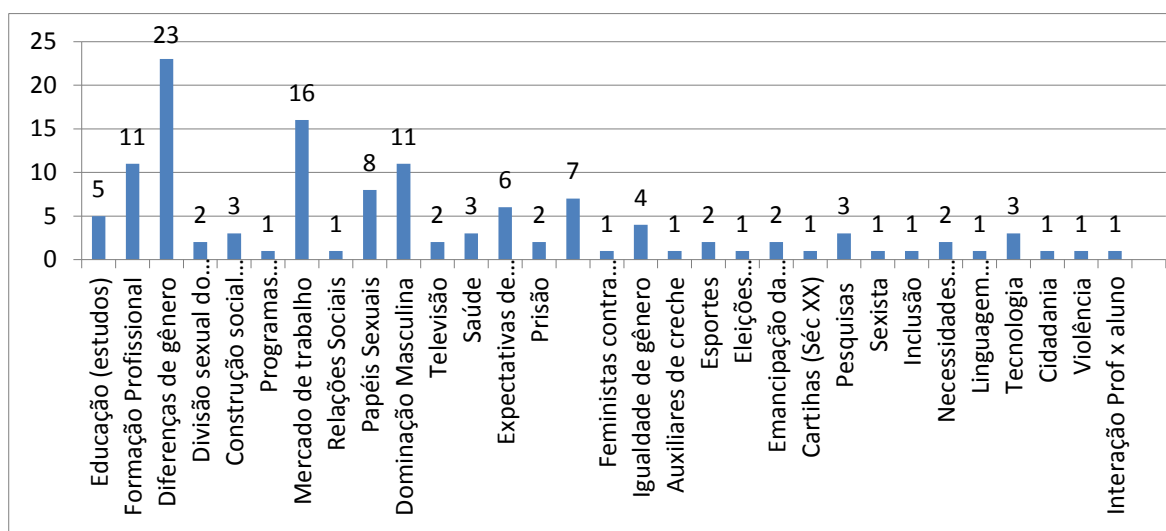
Através da análise do conceito de gênero de cada texto foi possível observar qual a abordagem mais utilizada pelos autores. Entendendo essa abordagem procurou-se buscar compreender o porquê do uso de determinado conceito e que categorias estavam relacionadas à predominância desse determinado conceito. Essas categorias geraram a seguinte discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao estudar as pesquisas de gênero soma-se a ideia de que grande parte dos textos de gênero foram analisados nos mais diversos contextos sociais. Acrescenta-se a ideia de que a maior parte deles tinha a característica peculiar de analisar o tema gênero dentro de uma abordagem biológica/ binária. A consequência desse somatório é que a maioria dos textos analisou o gênero ressaltando como as mulheres estão em desvantagens em relação aos homens nas mais diversas áreas sociais.

Dessa forma, optou-se por destacar quais seriam as categorias mais recorrentes, ou seja, quais seriam as temáticas onde essas diferenças sexuais de gênero causariam mais impacto no contexto social. As primeiras análises permitiram que fosse gerado o gráfico 1, ou seja, as categorias se revelavam a partir das primeiras leituras e da escrita dos primeiros mapas conceituais como se pode verificar abaixo;

Gráfico 1 – Perspectivas de gênero: frequência das categorias



Fonte: O autor, 2013

O gráfico 1 mostra a frequência das categorias derivadas da leitura e análise conceitual dos textos estudados. Elas significam as áreas de confluência onde as pesquisas questionaram as diferenças entre homens e mulheres.

Na área da educação o que foi verificado que os professores tendem a dar mais atenção aos homens do que as mulheres. Além disso, as mulheres sofrem com uma educação de qualidade inferior, pois sem a mesma atenção dos homens elas são afastadas, por exemplo, das áreas de matemática, de mecânica, de engenharia, etc..., onde constata-se que são as matérias nas quais as mulheres demonstram ter maiores dificuldades. Isso, conseqüentemente, as leva a não escolher cursos que contenham essas disciplinas.

Hoje as mulheres estão tendo que lidar com a mudança dos papéis sexuais, elas além de assumirem o cuidado dos filhos e da família estão lidando com as finanças e alcançando novos espaços no mercado de trabalho. Elas precisam estar em carreiras que lhes deem estabilidade financeira (JONES, 1989; FOSTER, 1999; VALIENTE, 2002; ENSLIN, TJIATTAS, 2006; ROBEYNS, 2006).

Essa diferença na educação se agrava ainda mais para elas quando se inclui a discussão sobre necessidades educacionais especiais. O que se vê nos estudos e pesquisas é que os homens são mais identificados com necessidades educacionais especiais e por isso no que diz respeito a sua aprendizagem na escola, estão sempre sobre cautela e cuidado. Enquanto isso as mulheres são menos identificadas e acabam sofrendo com a falta de atenção, mesmo quando precisam de uma educação especial (COUTINHO, OSWALD, 2005; LINGARD, MILLS, 2007).

Os textos mostraram que essa diferença na sala de aula só é invertida, quando as mulheres estão em maior número que os homens ou quando quem está a frente da classe é uma professora (KLEIN, 1994; DAVIES, 2003; BRUTSAERT, HOUTTE, 2004; KOBLITZ, 2005; BROWN, CERVERO, JOHNSON-BAILEY, 2000; CHING, BASHAM, JANG, 2005). Quando elas estão em maioria elas se tornam mais unidas em seus discursos, se defendem, abraçam a causa uma da outra, lutam contra o sexismo e tendem a ser contra os homens. Já os homens no seu discurso tendem a provar a sua heterossexualidade, tomando cuidado com as palavras que expressam, eles ridicularizam os gays e afeminados e por fim, afirmam como as mulheres são submissas às suas decisões, afirmando isso com muita cautela (DAVIES, 2003; KOBLITZ, 2005). Já quando há uma professora mulher na sala de aula, observa-se que há uma maior participação das alunas mulheres, pois as docentes

criam um ambiente favorável para que haja uma discussão do quadro social de gênero dominante, criado pelos homens.

Então dessa maneira as alunas ganham espaço para falarem, expressarem os seus pontos de vista, debaterem, vencendo dessa forma a timidez e a subserviência (BROOKFIELD, 1986; GALBRAITH, 1991; KNOWLES, 1980; APPS, 1991; SEA MAN, FELLEENZ, 1989; BARER-STEIN, DRAPER, 1993; LENZ, 1982; SON-BAILEY, CERVERO, 1996; SLEETER, GRANT, 1988; TISDELL, 1993).

Os textos também retratam as diferenças entre homens e mulheres na educação, porém algumas pesquisas têm afirmado que a busca pela igualdade de gênero tem prejudicado os homens, ou seja, tem provocado a perda de espaço, do domínio, a autonomia, que eles têm sido esquecidos (MONTECINOS, NIELSEN, 1997; PEACE, 2003; CONNELL, 2002; CONNELL, 2005).

Observa-se que nos anos 90, quando o movimento feminista começou a ter as suas primeiras conquistas, mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, na política, na educação, em lugares antes dominados apenas por homens, começou a haver um movimento contrário a isso. Nota-se que nesse período houve uma queda no rendimento escolar dos alunos do sexo masculino enquanto que ao mesmo tempo, cresceu o número de alunas dentro das salas de aula e o seu rendimento estava sendo melhor que o deles. Diante desse contexto, os programas de igualdade de gênero tiraram o seu foco das alunas e voltaram para os alunos, pois alegava-se que eles, agora, eram o sexo desfavorecido nas escolas (CONNELL, 2002, p. 324). E dessa, forma voltou-se a atenção dada aos alunos, fazendo com que alguns avanços do movimento feminista retrocedessem, preservando assim a cultura dominante masculina.

Ao observar no gráfico 1 as categorias que mais aparecem nos estudos são as que abordam as diferenças de gênero entre homens e mulheres, dentro da perspectiva biológica/binária, a atenção especial é marcada sobre essas diferenças nas categorias: mercado de trabalho e formação profissional.

Os estudos mostram como as mulheres perdem em relação aos homens em termos de formação, de posição profissional e em termos de renda salarial (ARNOT, 2006; BLOOM, OWEN, DESCHENES, ROSENBAUM, 2002; BOK, 2004; BROWN, CERVERO, JOHNSON-BAILEY, 2000; BRUIJN, VOLMAN, 2000; CHING, BASHAM, JANG, 2005; FOSTER, 1999).

Existe uma certa hierarquização do homem branco sobre as mulheres (FOSTER, 1999), eles alcançam cargos melhores e que remuneram melhor.



Há uma cultura de que existem “trabalhos de homens” (BRUIJN, VOLMAN, 2000) e o que ocorre é que por muitas vezes a mulher tem a mesma formação, alcança cargos semelhantes, porém por não ser reconhecida nas suas competências e habilidades acaba por receber salário menor e ser considerada inferior ao homem que ocupa o mesmo posto de trabalho (KLEIN, 1994; FOSTER, 1999; CONNELL, 2002; VALIENTE, 2002; ROSEMBERG, 2003; CONNELL, 2005; CONNELL, 2009). Isso ocorre nas diversas áreas de trabalho e essas diferenças aumentam quando elas decidem envolver-se no mercado de finanças e tecnologia, ou seja, quando elas buscam ingressar nas áreas dominadas pelas habilidade em matemática ou computadores. Pode-se constatar isso nas citações abaixo:

Pesquisas nos últimos 20 anos têm mostrado que o gênero tem sido um fator para disparidades. **As meninas não se matriculam em cursos de informática, tem menos interesse, não entram em clubes ou grupos de informática depois da escola, gastam menos tempo com computadores em casa e escolhem menos carreiras ligadas as ciências da computação ou afins.** (CHING, BASHAM, JANG, 2005; tradução e grifo do autor)

Verifica-se o mesmo discurso nessa outra citação:

Evitar a discriminação sexual não é o suficiente. **Meninos e meninas aprendem através da mídia de massa, das pressões do grupo, da família para que façam atividades “apropriadas” para o seu sexo. Com isso, os meninos tendem a fazer mais atividades de mecânica, científica com brinquedos, ganhando conhecimentos práticos tridimensionais. Já as meninas não são propensas a fazer isso e sofrem sérias desvantagens. Quando as meninas têm essas chances é mais tarde.** Os professores, portanto, devem reconhecer que elas estão em desvantagem e sofrem mais discriminação por causa da nossa sociedade machista e com isso fornecer a elas essas experiências que lhes faltam. (CURRAN, 1980, p.31; tradução e grifo do autor).

Observa-se através das citações acima que há uma dominação masculina, existe a predominância de uma sociedade patriarcal imbuída de valores enraizados ha décadas. Isso prejudica as mulheres e o próprio mercado de trabalho, pois ele busca um profissional que seja multitarefas, cheio de habilidades e competências não importando qual é o sexo do individuo. Portanto, oferecer oportunidades de debate, de reflexão a respeito do gênero na sala de aula e em outros espaços, oferece oportunidades para desenvolver uma pedagogia crítica da diferença que vai avançar para a desconstrução desses valores enraizados (ARNOT, 2006; BANWART, 2007)

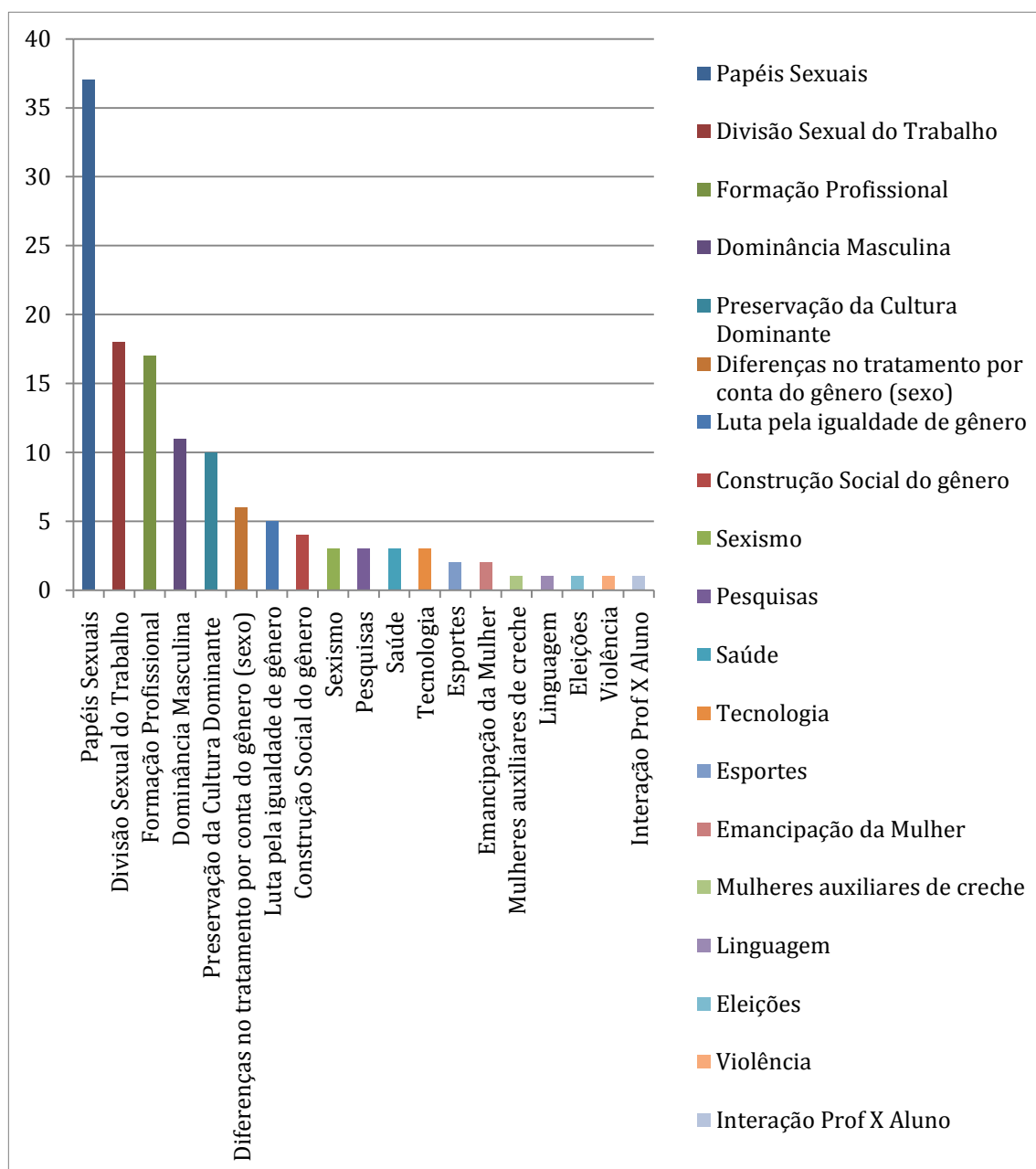
Através da segunda citação acima, pode-se notar também a influência das mídias de massa nessa preservação da cultura dominante. A televisão e os seus programas têm grande colaboração para sustentar esse cenário, pois enfatizam os papéis sexuais do homem e da mulher (LONG, BOLARSKY, THAYER, 2001; RIVADENEYRA, 2005). Isso se estende não só para as mídias de massa, mas nas tecnologias (LOSH, 2004; CHING, 2005; LAGESEN, 2008), na política (BANWART, 2007; HEMMINGS, 2006; PILCHER, 2007), nas unidades prisionais (BLOOM, 2002; BOK, 2004; SPARK, HARRIS, 2005), nas pesquisas e estudos acadêmicos (CONNELL, 1998; IVINSON, 2001; ROBEYNS, 2006).

O que se ressalta em alguns estudos é a falta de interesse do governo em incentivar as mulheres para que sejam mais críticas e reflexivas (BLOOM, 2002), para que elas se tornem mestres e doutoras para que assim possam estar à frente de pesquisas acadêmicas, a frente das pós-graduações, das produções textuais, estimulando assim um novo pensamento, uma nova reflexão a respeito do gênero (IVINSON, 2001). O que se propõem é que deem oportunidades iguais de incentivo à pesquisa, de entrada nos programas de pós-graduação, de possibilidade de publicação etc. (FOSTER, 1999).

Ao prosseguir com as análises das categorias, identificou-se que dentro desse contexto algumas delas tinham características semânticas semelhantes, ou seja, uma categoria estaria imbricada dentro da outra com o mesmo sentido. Por exemplo, as categorias mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho estariam relacionadas. Em alguns textos trabalhava-se com a terminologia mercado de trabalho e determinavam que algumas profissões eram denominadas como profissões masculinas enquanto outras eram consideradas como cargos para mulheres, ou seja, já faziam a exclusão antecipada das características pertinentes a cada sexo.

Algumas pesquisas mostravam que a exclusão acontecia dentro do ambiente de trabalho Keay (2007), por exemplo, mostrou como a predominante posição dos homens tornando as opiniões e as alternativas de mudança das mulheres como inválidas. Dessa forma, o gráfico 1 mostra a divisão entre duas categorias - mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho, porém ao analisar num contexto geral e o imbricamento das categorias derivadas das análises viu que havia interrelações entre algumas delas, assim optou-se por unificar as categorias a partir da sua pertinência em termos de significado. Gerando assim o gráfico 2 abaixo com as categorias interrelacionadas.

Gráfico 2 - Perspectivas de gênero: categorias agrupadas por semelhança temática



Fonte: O autor, 2013

O gráfico 2 mostra o agrupamento das categorias levantadas no gráfico 1, porém dando relevância ao imbricamento temático por semelhança de significado. Ele demonstra que os papéis tradicionais de gênero, as funções sexuais, os problemas no trabalho, nos processos de aprendizagem enfim, essas diferenças sexuais, vem se perpetuando e confirmando a dominação que os homens exercem sobre as mulheres, mostra ainda que o que mais tem incomodado os teóricos é essa divisão sexual de papéis. O foco de lutar pela igualdade falando das diferenças foi o caminho que autores e autoras encontraram ao longo dos anos para tentar minimizar as diferenças e sonhar com a



utopia de uma sociedade livre das divisões de gênero. Porém, focar apenas nas diferenças e na determinação do gênero pelo sexo é limitar o estudo desta temática.

## CONCLUSÃO

O tema gênero precisa ser investigado nos seus mais diversos campos, sendo analisado dentro de outras perspectivas, como a pós-estrutural, por exemplo. Essa perspectiva entende que o gênero é uma construção social/cultural. Ao analisar o tema de diversas formas é possível fazer comparações entre as produções sendo possível assim pensar em novas possibilidades para se alcançar uma sociedade livre das desigualdades de gênero.

O gráfico 2 mostrou outras categorias que apareceram nas pesquisas citando a questão das diferenças, a vantagem que um sexo tem em detrimento do outro, geralmente os homens são mais privilegiados que as mulheres. Isso está ligado a um contexto que mostra como o sexo que tem menor atenção sofre em determinada área por desse “desprezo”. As categorias que demonstram essa falta de atenção que um sexo tem em relação ao outro foram saúde, violência, eleições, cidadania.

Acredita-se que para romper com a tendência da divisão de sexo na abordagem de gênero, da cultura masculina como dominante, das ordenações de gênero que estão enraizadas nas sociedades se faz necessário observar o que as pesquisas têm mostrado. E isso, foi o que se buscou realizar neste artigo.

## REFERÊNCIAS

APPS, J. W. **Mastering the teaching of adults**. Malabar, FL: Krieger, 1991.

ARNOT, M; MAC, GHAILL, M. M. A. **The Routledge Falmer Reader In Gender And Education**. NY, London: Routledge , 2006.

BANWART, M. C. Gender and Young Voters in 2004: The influence of perceived knowledge and interest. **American Behavioral Scientist**, v.50, n.9, 2007.

BARER-STEIN, T.; DRAPER, J. **The craft of teaching adults**. Malabar, FL: Krieger, 1993

BLOOM, Barbara; OWEN, Barbara; DESCHENES, Elizabeth Piper; ROSENBAUM, Jill. Moving Toward Justice for Female Juvenile Offenders in the New Millennium: Modeling Gender-Specific Policies and Programs. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, v. 18, n. 1, p. 37-56, February 2002.

BOK, M. Education and Training for Low-Income Women: An Elusive Goal. **Affilia**, v. 19, n.1, p.39-52, 2004.

BROOKFIELD, S. D. **Understanding and facilitating adult learning**. San Francisco: Jossey-Bass, 1986.

BRUIJN, E. de; VOLMAN, M. Changes in Occupational Structure and Occupational Practice – A Challenge to Education. **The European Journal of Women's Studies**, v. 7, n.4, 2000.

BRUTSAERT, H.; HOUTTE, M. V. Gender Contexto of Schooling and Levels of Stress Among Early Adolescent Pupils. **Education and Urban Society**, v. 37, n.1, Nov. 2004.

CHING, Cynthia Carter; BASHAM, James D.; JANG, Eunice . The Legacy of the Digital Divide: Gender, Socioeconomic Status, and Early Exposure as Predictors of Full-Spectrum Technology Use Among Young Adults. **Urban Education**, v. 40, n. 4, p. 394-411, July 2005.

CONNEL, R. W. Introduction: Studying Australian Masculinities. **Ligs**, v.3, n.2, December 1998.

CONNELL, R. **Long Marches: Gender politics and gender research in Australian perspective**. Public lecture for the conference on "Two Decades of Gender and Difference" to celebrate the work of Chilla Bulbeck, Adelaide, 18-19 February, 2009

CONNELL, R. W. Change among the Gatekeepers: men, masculinities, and gender equality in the Global Arena. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 3, 2005.

CONNELL, R. W. Making the Difference, then and now. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, v. 23, n. 3, 2002.

COUTINHO, Martha J.; OSWALD, Donald P. State Variation in Gender Disproportionality in Special Education: Findings and Recommendations. **Remedial and Special Education**, v. 26, n.1, p.7-15, 2005.

Curran, L. (1980). Science education: Did she drop out or was she pushed. In *The Brighton Women and Science Group, Alice through the microscope*, pp 22-41. Virago, London.

DAVIES, J. Expressions of gender: an analysis of pupils' gendered discourse styles in small group classroom discussions. **Discourse & Society**, v. 14, n.2, 2003

ENSLIN, P.; TJIATTAS, M. Educating for a Just world without gender. **Theory and Research in Education**, v. 4, n.1, 2006.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002

FOSTER, Michele. Race, Class, and Gender in Education Research: Surveying the Political Terrain. **Educational Policy**, v.3, n.1, p.77-85, 1999.

GALBRAITH, M. W. (Ed.) **Facilitating adult learning: A transitional process**. Malabar, FL: Krieger, 1991.

HEMMINGS, Clare. Ready for Bologna? The Impact of the Declaration on Women's and Gender Studies in the UK. **European Journal of Women's Studies**, v. 13, n.4, p. 315–323, 2006.

IVINSON, Gabrielle. Feminist Scholarship in Education: The State of the Art? **British Educational Research Journal**, v. 27, n. 2, p. 219-223, Apr. 2001.

JOHNSON-BAILEY, J.;CERVERO, R. An analysis of the educational narratives of reentry Black women. **Adult Education Quarterly**, n. 46, p. 142-157, 1996.

JONES, M. Gail. Gender Issues in Teacher Education. **Journal of Teacher Education** , n.40, p.33, 1990.

KEAY, Jeanne. Learning from other teachers: Gender influences. **European Physical Education Review**, v.3, n. 2, p. 209-227, 2007.

KLEIN, S. S. *et. al.* Continuing the Journey Toward Gender Equity. **Educational Researcher**, 1994.

KNOWLES, M. S. **The modern practice of adult education: From pedagogy to andragogy**. 2<sup>nd</sup> ed. New York: Cambridge Books, 1980.

KOBLITZ, Ann Hibner. Gender and Science – where science is on the margins. *Bulletin of Science, Technology & Society*, v. 25, n. 2, April 2005.

LAGESEN, Vivian Anette. A Cyberfeminist Utopia? Perceptions of Gender and Computer Science among Malaysian Women Computer Science Students and Faculty. **Science Technology Human Values**, v. 33, n.1, p. 5-27, 2008.

LENZ, E.**The art of teaching adults**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1982.

LINGARD, B.; MILLS, M. Pedagogies making a difference: issues of social justice and inclusion. **International Journal of Inclusive Education**, v. 11, n. 3, p.233-244, May 2007.

LONG, M.; BOLARSKY, G.; THAYER, G. Gender and racial counter-stereotypes in science education television: a content analysis. **Public Understanding of Science**, n.10, p. 255-269, 2001.

MESSINA, Graciela. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. In: ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBEROAMERICANOS PARA LA EDUCACIÓN,

LA CIÊNCIA Y LA CULTURA. **Reúñion de consulta técnica sobre investigación en formación del professorado.** México,1998.

MONTECINOS, C; NIELSEN, L. E. Gender and Cohort differences in University students' decisions to become elementary teacher education majors. **Journal of Teacher Education**, January Teacher Education, Jan-Freb, v. 48, n.1, 1997.

PEACE, Paul. Balancing Power: The Discursive Maintenance of Gender Inequality byWo/Men at University. **Feminism & Psychology** (SAGE), 2003.

PILCHER, J. Childhood, gender and school health education in England. **Childhood**, v. 14, n.2, 2007.

RIVADENEYRA, Rocío; WARD, L. Monique. From Ally McBeal to Sábado Gigante: Contributions of Television Viewing to the Gender Role Attitudes of Latino Adolescents. **Journal of Adolescent Research**, v. 20, n. 4, July 2005.

ROBEYNS, I. Three models of education – rights, capabilities and human capital. **Theory and Research in Education**, v. 4, n.1, 2006.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, set-dez 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. Multilateral Organizations And Early Child Care And Education Policies For Developing Countries. **Gender & Society**, v. 17, n. 2, p.250-266, April 2003.

SEA MAN, D. F.; FELLEENZ, R. A. **Effective strategies for teaching adults.** Columbus, OH: Merrill, 1989.

SLEETER, C. E.;GRANT, C. A. **Making choices for multi cultural education: Five approaches to race, class, and gender.** Columbus, OH: Merrill, 1988.

SPARK, C.; HARRIS, A. Vocation, vocation – a study of prisoner education for women. **Journal of Sociology**, v.41, n.2, 2005.

TISDELL, E. J. Interlocking systems of power, privilege, and oppression in adult higher education classes. **Adult Education Quarterly**, n.43, p.203-226, 1993.

VALIENTE, Celia. An Overview of Research on Gender in Spanish Society. **Gender & Society**, v. 16, n. 6, p.767-792, December 2002.